

AS FÓRÇAS DA NAÇÃO NAS VIGOROSAS DEMOCRACIAS CONSISTEM NA INTELIGÊNCIA COLETIVA, NO ESPÍRITO PÚBLICO, NO INFLUXO IRRESISTÍVEL DA OPINIÃO.

LATINO COELHO

Folha Acadêmica

Orgão Oficial do Centro Acadêmico XI de Fevereiro

Ano I Faculdade de Direito de Santa Catarina, Florianópolis, 14/11/1944 N. 10

GIL COSTA, o mestre saudoso

Gil Costa foi dessa espécie de homens que são para a juventude estudiosa figuras simbólicas que se colocam longe, adiante no tempo, como meta a ser alcançada.

Quem o conheceu na amplitude de seu nobre caráter e no brilho faustoso de sua inteligência; quem com ele privou dentro das salas de aula, guarda um pesar imenso pela sua perda e um reconhecimento sincero e grato pelo que ele nos fez.

Vendo passar agora o primeiro aniversário de sua morte, queremos prestar-lhe mais uma vez, e com toda a sinceridade, o nosso preito de gratidão e saudade.

Transcrevemos abaixo, o protesto que o eminente professor lançou no livro de presença dos alunos, no dia 22 de agosto de 1942 e que bem, diz de seus altos sentimentos de amor à pátria, sempre por ele demonstrados quando para isso houve oportunidade.

Foi esta uma das últimas lições, e quão vibrante, que dele tivemos pois que, pouco depois, traiçoeira molestia o arrancou de nosso convívio para sempre.

Dia 22 de agosto de 1942.

Sendo esta a primeira aula que se realiza após o ato de pirataria praticado por um submarino alemão, mestres e discípulos querem consignar, neste livro de presença, o seu protesto, a sua indignação, o seu ódio contra os covardes assassinos de seus irmãos brasileiros. Diante do crime, diante do ultraje, diante do sistema desumano, que a Alemanha erigiu em norma de conduta, não há expressões que alcancem e se ajustem à hediondez do ato praticado.

A mais fértil das imaginações torna-se pobre e incolor.

O verbo mais eloquente torna-se glacial e inexpressivo.

O impropério, a injúria, o insulto, o doesto, o palavreado, tudo inútil e incapaz de atingir os miseráveis protagonistas da trágica ocorrência, mesmo porque eles são insensíveis, são cínicos, são despidos de qualquer traço que lhes deem às feições o aspecto de qualquer coisa que se aproxime de criaturas humanas. Contra eles, portanto, contra os salteadores das mares, contra os bandidos do eixo, e os que lhes prestam a homenagem de uma admiração morbida e repulsiva o que há de valer é a ação oportuna e castigante, a que lhes infligir física, moral, econômica e brutalmente, a dor nas suas carnes, nas suas economias, nos seus pudores, se é que porventura, eles o tenham

já que se revelaram ignorantes de todos os melindres próprios à dignidade humana. Cultores que somos do Direito Internacional Público, conhecedores da tradição brasileira na vida de relação com o



resto do mundo, de sua constante harmonia com as boas regras do Direito das Gentes, maior deve ser a nossa exaltação, em face do penoso sucesso.

Mas, quanto maior for, melhor poderemos enfrentar a situação que foi criada para o nosso Brasil, porque, si soubermos, em todas as oportunidades, polir e manejar os instrumentos de Paz saberemos também demonstrar que não fugiremos, nós, o povo do Brasil, as injustas que se ferirem em prol da restauração do Direito.

E sobretudo, que, se sabemos amar a nossa Pátria, sabemos também odiar por amor dela os tiranos, os discóloos sanguinários, os despotas que já neste momento se afogam na lama de seus próprios delitos.

E via o Brasil vitorioso e cada vez mais forte, mais unido, mais feliz.

(Ass.) Gil Costa, Alfredo Damasceno da Silva, João B. Tezza, José Felipe Boabaid, Antônio D. Carneiro, Euripio Rauen, Francisco E. Mira Gomes, Carlos Loureiro da Luz, João Batista Bonnassis e Waldemiro Cascaes.

Enquanto a Marselhesa vibrar no mundo o prussianismo não vencerá. E a Marselhesa é mortal...

A N O II

É este o primeiro número do segundo ano de vida de "Folha Acadêmica".

A 10 de Novembro de 1943 surgiu, pela primeira vez, o nosso jornal, graças aos ingentes esforços dos colegas José Felipe Boabaid, Alfredo Damasceno da Silva, Antenor Tavares, Pedro Ivo Mira Gomes, e outros.

Mantê-lo em circulação, lutando contra todas as dificuldades que de todos os cantos surgiam, é tarefa que só os batalhadores da imprensa compreendem e avaliam.

Conseguiram, entretanto, os primeiros dirigentes, fazê-lo circular regularmente, pelo que se tornaram dignos de nossos aplausos.

Não podemos deixar de consignar, aqui, o nosso voto de gratidão a todos os que, de qualquer modo, colaboraram para "Folha Acadêmica", possibilitando o seu aparecimento regular; deixar de fazê-lo seria falta de reconhecimento e a gratidão é virtude tradicional do Estudante. Ele nunca esquece aqueles que, em situações difíceis, lhe trouxeram apoio e ajuda e, si não tem ocasião de retribuir os favores recebidos, guarda no coração, movido pelo sentimento de justiça, a lembrança do benefício que lhe fizeram.

Iniciando o nosso segundo ano de atividade apelamos para os que até aqui nos ajudaram — e para os que não nos ajudaram — pedindo a todos que emprestem o seu apoio aos dirigentes de "Folha Acadêmica" para que este órgão se mantenha e evolua, sendo sempre o porta-voz dos ideais estudantis catarinenses.

Não nos cabe a nós, dizer o que "Folha Acadêmica" já realizou. Outros, porém, o disseram: "A Gazeta" do dia 10 p. p. publicou extensa nota a este respeito, aconselhando, ainda aos novos dirigentes, que continuem o trabalho dos fundadores.

Finalizando, prometemos aos nossos leitores prosseguir sem esmorecimento.

O Estudante Brasileiro e a sua Tradição de Liberdade

Não é de hoje nem de ontem que os estudantes brasileiros lutam pelos ideais de liberdade. Em 1710 e 1711 ajudaram a expulsar do Rio de Janeiro os franceses de Duclerc e Duguay-Trouin. Em 1786, identificados com as novas idéias filosóficas na Europa, e inspirados no exemplo dos Estados Unidos da América esboçaram o movimento de independência de 1789, conhecido como Conspiração ou Inconfidência Mineira. Na Setembrada Pernambucana, de 1832, os estudantes lutaram ao lado do povo. Na guerra do Paraguai (1865-1870), não foi pequeno o número dos que deixaram as Faculdades para dar aos invasores uma lição de amor ao solo natal. De 1837 a 1888 batalharam por muitos meios, na Campanha Abolicionista, pela extinção da escravidão negra no Brasil. Entre 1889 e 1894 organizaram o famoso Batalhão Acadêmico afim de defender e consolidar a República recém-fundada.

Neste século, os estudantes tomaram parte em vários movimentos políticos armados e não armados evidenciando nitidamente o vigor de sua orientação ideológico-social.

Presentemente, acham-se

numa atitude definida, que não é mais do que a consequente do amadurecimento da nacionalidade semeada no Arrajal do Bom Jesus do Recife, em 1630, quando brancos, pretos e índios iniciaram a luta contra os invasores holandeses.

Agora, mais do que nunca, as gerações acadêmicas e ginásianas do Brasil têm a consciência de nacionalidade tão solidificada que é uma grande ilusão pensarem inimigos de alem-Atlântico na conquista do solo e do povo deste país. Os estudantes estão alerta, ao lado das autoridades e do povo, para revidar a agressão que o nazifascismo mascarado de nossos dias desfechou sobre esta nação pacífica mas de filhos cheios dos maiores sentimentos de energia e das mais sólidas forças morais e físicas. Os estudantes repetirão, em proporções mais amplas, a lição de 1710 dada a outros arianos que ainda não se diziam puros.

Rio, outubro, 1942.

A. M. N.

Estudantes de Química do Paraná

Em nosso próximo número publicaremos a reportagem sobre a visita dos Estudantes de Química do Paraná ao nosso Estado.

Comemoração do "Dia da Cultura" em Florianópolis

Patrocinada pelo Instituto Histórico e Geográfico e promovida pelas diretorias do Centro Acadêmico XI de Fevereiro, Clube de Cooperação Cultural e Clube de Sociologia Tristão de Ataíde, realizou-se dia 5 último, na sede da Associação Catarinense de Imprensa, às 20 horas, com regular assistência, uma reunião cultural de estudantes, comemorativa do "Dia da Cultura", para reverenciar a memória de Ruy Barbosa.

A sessão foi aberta pelo Cel. Silvino Elóidio Carneiro da Cunha que, após declarar o motivo da mesma, passou a direção dos trabalhos ao Tte. Arruda Câmara, representante do Sr. Interventor Federal.

Obedecendo a um programa pre-estabelecido, usaram da palavra vários estudantes de estabelecimentos de ensino secundário e superior.

Transcrevemos aqui, na ordem em que foram proferidas, algumas das peças oratórias apresentadas.

O acadêmico de Direito Francisco de Assis, representando o Centro Acadêmico XI de Fevereiro, assim se desincumbiu da parte que lhe coube, ou seja a explicação do motivo da reunião:

Sr. representante do exmo. sr. dr. Interventor Federal, Sr. representante do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Digníssimas autoridades militares, Minhas senhoras. Meus senhores. Meus colegas.

Numa dessas reuniões periódicas das nações americanas que tão proveitosas tem sido para corroborar a solidariedade continental, na Conferência que, em 1938, se efetuou em Lima, capital da república do Peru, foi estudada a conveniência de escolher cada país americano um dia para festejar a sua cultura, coincidindo esse dia com o natalício de um cidadão ilustre, que fosse glória e símbolo da cultura nacional e expoente da cultura do Novo Mundo.

Para a comemoração da cultura brasileira, escolheu o Segundo Congresso das Academias de Letras, que se reuniu no Rio de Janeiro, no dia 5 de novembro, porque nele nasceu Rui Barbosa, jurista, político e pensador insigne, cujos ensinamentos resplandecem em linguagem opulenta e maravilhosa.

A comemoração desse fausto dia vem sendo feita na Capital da República na Casa de Rui Barbosa. Em Florianópolis, dela se tem incumbido o Instituto Histórico e Geográfico. Este ano, entretanto, resolveu o Instituto atribuí-la aos moços que se congregam em centros culturais, não, — conforme se nos expôs, — para que aquele oporoso sodalício se exonere de um encargo que voluntária e prazentemente assumiu, mas para estabelecer ajuda recíproca e confraternização entre as associações de homens de pensamento.

E os jovens, meus senhores, jubilosos aceitaram a patriótica tarefa, e com a festa de hoje querem demonstrar que o entusiasmo da juventude e a experiência da idade madura podem trabalhar ombro a ombro para a realização de um ideal comum, como é esse de proclamar que o Brasil, pela sua cultura tem direito a lugar distinto entre as nações que honram a humanidade.

Usou da palavra, em prosseguimento, o Acadêmico José Antonio de S. Tiago, representante da Faculdade de Direito, que assim falou:

Ilustríssimo representante do sr. Interventor Federal. Ilustríssimo sr.

Vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Minhas senhoras. Meus senhores. Estudantes.

Honrado pela escolha da direção do Centro Acadêmico XI de fevereiro, da Faculdade de Direito de Santa Catarina, aqui estou para, em rápidas palavras colaborar na comemoração do dia consagrado à "CULTURA".

Hoje, em todo o nosso vasto território, a nação lembra e se prosta diante dos seus "maiores do espírito". É o dia do pensamento, da inteligência — força viva que movimenta e distingue a creatura dos brutos, orientando-a no sentido da perfeição e do belo; no sentido de, não só ver, mas compreender as múltiplas facetas da multi-forme organização das sociedades modernas.

Ciência, filosofia, arte, estética, ação, unem-se em bloco homogêneo e glorificam a maior conquista do gênero humano — esse Himalaia de gigantescas proporções que possibilitou o progresso, em todos os setores da atividade dos seres humanos — a CULTURA.

É através do estudo metódico e bem dirigido que o homem galga os pináculos da formação moral e intelectual. Moral e intelectual sim, porque sem aquela esta é fogo fátuo que se apaga com a fatalidade que acompanha todas as criaturas — a morte.

A "CULTURA", representa pela coorte nacional e internacional de pensadores, cientistas, filósofos, literatos (poetas ou prosadores) e a todos os que se entregam ou entregaram ao estudo, é que nós nos curvamos e reverenciamos a memória, pois, em verdade, neles repousam as maiores conquistas da civilização.

Cultivemos pois, o nosso espírito, perlustremos todos os degraus da grande escada do saber, não nos esqueçamos, porém, que o homem é uma dualidade perfeitamente diferenciada — espírito imortal e corpo perecível. O que é da terra à terra volverá, mas o que é do espírito com ele permanecerá pela eternidade.

— X —

Propositadamente reservou-se o cinco de novembro para ser o dia da "CULTURA", pois a data lembra o aniversário natalício do grande "demônio de inteligência", na feliz expressão de Luiz Viana Filho, ou o "jovem mais esforçado propugnador das conquistas da civilização e do progresso" como o chamou Saldanha Marinho.

Melhor data pois, do que esta, não poderia, a nacionalidade, escolher, para consagrar à cultura, porque, a 5 de novembro de 1849 nascia na cidade do Salvador da Bahia, o nosso grande Rui Barbosa. Grande pelo pensamento, grande pela inteligência, grande pelo ideal, grande pelo sentimento e pelo coração, Rui foi sempre o retrato vivo de um são interior. Batalhador, Rui atacava, verberava, caustificava com sua pena inflamada e pura, tudo o que lhe não parecesse consentâneo, principalmente, com o direito e a liberdade. Estadista, jurista, diplomata, parlamentar de dois regimens, homem público, Rui condensou em si, quicá a maior cultura da nacionalidade. Ninguém mais do, que ele, tanto e tão alto elevou o nosso grande BRASIL; si na diplomacia foi a "Águia de Haia", refutando a teoria de Marshall, proclamando a "força do direito contra o direito da força", si no parlamento imperial foi o anotr do projeto da reforma de tres ensinos, no direito foi o cérebro da primeira Lei Orgânica do regime republicano.

Abolicionista convicto, empregou-se a fundo em favor dos escravos; sua alma que desde tenra idade se havia manifestado sentimental, quedou-se ao lado dos cativos. Ai estão, explodiu a formação moral do nosso grande estadista. É que ele havia aliado ao cultivo da inteligência o cultivo do coração.

Reverenciemos pois, a memória do nosso grande Rui Barbosa e o coloquemos cada vez mais alto, no grande altar que a Pátria consagra a todos os seus luminares.

A ginásiana do Instituto Coração de Jesus, Srta. Vania de Oliveira, com rara habilidade, declamou a poesia "La Nuit D'Octobre" (Fragment des "Poesies Nouvelles", de Alfred de Musset).

O representante do Colégio Catarinense, proferiu bela oração a que intitulou Rui Barbosa e a Liberdade.

Em entusiástico improviso, o Acadêmico de Comércio Erondino Leite falou aos presentes, satisfazendo assim o encargo que lhe foi dado pela Academia de Comércio de Santa Catarina.

A seguir, o aluno do Instituto de Educação, Eugenio Doin Vieira, leu sua palpitante oração, abaixo transcrita:

Para versar um tema tão vasto e exuberante quão empolgante e arrebatador como o que nos cumpre abordar neste momento, capaz de nos elevar o pensamento e arrebatá-lo ao espírito em vãos idealísticos e vertiginosos, tentando chegar pela imaginação até aos pináculos que o grande mestre atingiu pela inteligência, para versar tema de tal vastidão, beleza e complexidade, são de todo insuficientes, não considerando a desautoridade e absoluto demérito do orador, os minutos de que devemos dispor nesta solemnidade.

Pretender resumir, em algumas palavras pobres de expressão, toda a vida preche de sacrifício e heroicidade do grande, do excelso, do incomparável Rui quer dizer, dentro de alguns parágrafos sem vigor, o que foi uma epopeia de mais de meio século de luta em prol do direito e da liberdade, seria tentar, numa tarefa digna de um Atlante e de um Golias, levantar o mundo nos ombros ou coíther o oceano na palma da mão.

Calar, no entanto, num momento como este, é de todo impossível! Como calar, debaixo de um céu, o mesmo céu que pela primeira vez cobriu o filho querido da Pátria, há quase um século? Como calar, dentro de um Brasil que é o mesmo Brasil que serviu de berço amoroso ao campeão da justiça e da liberdade, há exatamente 23 lustros?

Que se calem aqueles que não sentem dentro das veias a efervescência dessa mescla de temperamentos patrióticos e ardentes que constituíu o sangue brasileiro!

E no instante em que a voz sardia da juventude florianopolitana se ergue entusiástica em exaltação ao Mestre, não seria, em absoluto, o Instituto de Educação de Florianópolis que permaneceria indiferente. Em ocasiões como esta, não é só uma, são muitas as vozes que prazerosamente se erguem em arroubos entusiásticos numa exaltação sincera a memória gloriosa do Maior dos Brasileiros!

— X —

Resumir a vida do grande Rui! Dizer, dentro de alguns períodos o que se desempenhou por decênios de ação!

Tentemos fazê-lo biográfica-

mente:

— Nasceu a 5 de novembro de 1849.

Viveu! Lutou! Sofreu!
A 1º de março de 1923, partiu para sempre. — Ou então, desprezando a frieza inexpressiva dos dados biográficos, defini-lo-emos com suas próprias palavras:

"Estremeceu a Pátria, viveu no trabalho, e não perdeu o ideal!" E ainda, aplicando-lhe o que disse de José Bonifácio: "Se teve falhas, não esqueçamos que os grandes homens se constituem tanto de seus defeitos quanto das suas virtudes".

— X —

"Ruy é um mundo!" Jurisconsulto, político ou jornalista, na Imprensa, no Pretório ou no Congresso, erguese dominador "o seu verbo ardente", "lembrando um trecho de mar selvagem contido entre penhas".

Impossível lê-lo e estudá-lo sem que a imaginação nos arrebate em maravilhosas peregrinações etéreas, pelas imagens miríficas do mundo intelectual.

"Não há conhecê-lo sem que se acorde em nós um incoercível anseio de tentar seguir-lhe os passos, fazer o possível — e o impossível — para repetir-lhe, numa grotesca paródia embora, a carreira fulgurante e luminosa, palmilhar esta mesma trilha cujo ponto final é a Imortalidade e a Glória!"

— X —

As principais características da ação pública do grande Rui foram, acima de tudo, a Liberdade e a Justiça. Ninguém como ele para levantar o verbo tonitrante e inflamado, na defesa do fraco contra o despotismo do mais forte, defesa essa que teve em Haia seu ponto de resplandescência máxima. Ninguém além dele, para exclamar convicto: "Liberdade! entre tantos, que te trazem na boca sem te sentirem no coração, eu posso dar testemunho da tua identidade, definir a expressão do teu nome, vingar a pureza do teu evangelho; porque, no fundo da minha consciência, eu te vejo incessantemente como estrela no fundo obscuro do espaço.

Nunca te desconheci, nem te trairei nunca!"

Na sua carreira política, Rui Barbosa surgiu sempre às vésperas das grandes tempestades. Predições, esperava-as, e, quando elas chegavam, com que volúpia essa "malícia sempre combativa", esse "homem de luta", sempre pronto a batalhar pelas causas justas, atirava-se à refrega no seu ponto mais encarniçado! Lembremo-nos de sua atuação na Confederação Abolicionista, nas repetidas eleições ministeriais ou na campanha republicana; de seu papel destacado no infausto Governo Provisório, na luta contra o despotismo de Floriano e nas movimentadas campanhas presidenciais.

Terminada a refrega, ele se recolhia ao silêncio; seu prazer não era a conquista de louros e sim a volúpia da luta. Por este motivo, com rara felicidade, Batista Pereira, um de seus biógrafos, o compara "à mais ousada, à mais valente das aves marinhas" — a procelaria.

A fúria devastadora dos vagalhões, as nuvens tesas do vendaval não lhe detêm o vôo pujante. "Quando se alucinam os ventos e a orografia instantânea das vagas refere em golões de serranias e precipícios, é aí que se sente atraída. Indiferente à eversão que embalde lhe tenta molhar as penas impemeáveis, adėja sobre o torvé-

(Continua na 3a. página)

Comemoração do "Dia da Cultura"

linho com a tranqüilidade da andorinha no azul.

Sobe, desce, paira, brinca, revolteja na cratera e no vórtice dos vagalhões enfurecidos. A tempestade é o seu ambiente".

Também o nosso Tilã intelectual "nunca fugiu ao fragor das batalhas Ao contrário!

Dir-se-ia que a luta o magnetizava, chamando para a frente".

"Era uma procelária!"

"E uma procelária é um pulmão de asas. Quando imerge no turbilhão dos ciclones, tem força bastante para atravessar a zona conflagrada e alar-se até os espaços resplandescentes que lhe ficam acima. A procelária da abolição, do federalismo e do civilismo era também um pulmão. Quando as convulsões políticas entenebreciam a atmosfera e ululavam os vendavais, ele entrava na procela. Era seguir-lhe o rastro, era vê-lo no centro da borrasca, e esperar a sua arrancada. Dentro em pouco ele se alava para cima, e o sulco do seu vulto pequenino, iluminado de relâmpagos, era um rasgão que se abria para os horizontes do futuro".

"Os gênios são assim: como as filhas do oceano, pairam sobre os bulhões do pensamento humano, arrostando do mal a infrene tempestade. — Precursores do bem e nuncios da verdade: O torpor lhes repugna; o combate só a luta os atrai — porque a luta [é a vida!"

— X —

RUY BARBOSA!!!

Filho grandioso duma grandiosa terra!

Nesta hora de incerteza, em que a tua Pátria que é a nossa Pátria, começa a definir diante das outras nações os traços constitutivos de seu caráter de potência que surge, o momento em que o Brasil revela ao mundo os caracteres firmes de sua personalidade recém-forjada, sê tu o espírito guia da nacionalidade, no caminho da grandeza e do progresso!

Sê tu o bandeirante intrépido e audaz, que, empunhando a tocha ardente de tua rutilante inteligência e de teu caráter impugável, guie e conduza a mocidade forte e patriótica do Brasil de hoje pelos caminhos puros e sagrados do Direito, da Justiça e da Liberdade!!!

Por um grupo de alunas do Instituto Coração de Jesus, foi executado um número de Canto Orfeônico (Nossa Bandeira), que muito agradou.

Finalizando, o Acadêmico José Medeiros Vieira, Presidente do Clube de Cooperação Cultural, apresentou o seu trabalho.

As 21.30 hs. foi encerrada a sessão.

As entidades promotoras da festa cultural muito agradecem aos que colaboraram para o seu feliz êxito, bem como aos que, com sua presença, deram uma prova de apoio aos empreendimentos dos estudantes de nossa terra.

DA PIRA DO ALTAR DE ZEUS

No artigo sob o título acima, de José Medeiros Vieira, estampado em nosso número anterior, saiu, por lamentável lapso, às linhas 10, em vez de "hão os povos alimentado" — "hão os povos alimentados", o que aqui deixamos retificado.

Publicações recebidas

Por oferta da União Nacional de Estudantes recebeu o Centro Acadêmico as seguintes publicações:

ORAÇÃO DE FORMATURA — Pelo eng. Henrique Guedes Pereira Leite, em nome dos Engeirandos de 1944 da Escola de Engenharia.

— ESTUDANTES EM AÇÃO — VOLUME I — JUNHO DE 1944.

BOLETIM DO SERVIÇO FRANCÊS DE INFORMAÇÃO.

Do Instituto Brasil-Estados Unidos, recebemos as seguintes obras:

"Thoreau", de Theodore Dreiser; "Emerson", de Edgar L. Masters; "La Biblioteca Publica en los Estados Unidos"; "Pequena História da Literatura Americana", de Brenno Silveira; "Benjamin Franklin", de Carl von Doren e "The Structure Benavoir and Control of Prices in Brazil".

Gratos.

Prática de Processos no 4º Ano

Faz parte da norma de ensino do ilustre catedrático de Direito Judiciário Civil (3ª cadeira do 4º ano do Curso da Faculdade de Direito) Prof. Des. Alfredo von Trompowsky, a realização de processos simulados.

Este ano, na "Comarca do Estudante", esta se realizando sob a orientação do abalizado professor, uma Ação de Reivindicação Propriedade.

Como partes fictícias funcionam os autores Francisco Nascimento e sua mulher Da. Lourdes Nascimento, representados por seus advogados, Acadêmicos, Hélio Fontes e José Daura, como réus, Manoel Afonso Reis e sua mulher, Amélia Reis, sendo seus advogados os acadêmicos Nerêu Ramos Filho e Antônio Romeu Moreira.

Desempenha as funções de Juiz do feito o Acadêmico Ivo Silveira (El Tigre) e as de Promotor Público o Acd. Gerônimo Nunes Pires.

Os demais cargos estão assim distribuídos: Escrivão: acd. João Gualberto da Silva Neto. Tabelião: Acd. Pedro Ivo Mira Gomes.

Perito: Acd. Antenor Tavares: Oficial de Justiça: Acd. Hamilton Valente Ferreira.

O processo está na fase da contestação, achando-se os autos em posse do Juiz, para o respectivo despacho.

Aos esforçados quartanistas que assim se entregam a um estudo laborioso e prático afim de bem poderem aplicar, amanhã, no desempenho de suas funções, os sagrados princípios do Direito, desejamos um feliz resultado.

Universidades Britânicas

Existem na Inglaterra universidades em Oxford, Cambridge, Londres, Durham, Manchester, Birmingham, Liverpool, Leeds, Sheffield, Bristol, Reading; colégios pertencentes a universidades em Exeter, Nottingham, Southampton, Leicester, Hull, mais algumas na Escócia, em St. Andrews, Glasgow, Aberdeen, Edinburgo. A Universidade de Gales tem quatro escolas: Cardiff, Aberystwyth, Bangor, Swansea. Nenhuma universidade foi fechada por causa da guerra, embora em certos casos alguns departamentos governamentais hajam requisitados edifícios pertencentes a universidades. Apenas uma — a de Londres — foi dispersa como parte do plano de defesa civil. O número de estudantes do ano letivo de 1941/42 foi de 37.324, dos quais 13.305 são do primeiro ano; 68,7% eram homens — 31,3%, mulheres; 13.196% estudavam humanidades; 6.022, ciências puras; 12.723, medicina; 4.574, tecnologia, inclusive engenharia; 800, agricultura.

CHICOTADAS...

(Do livro "Penso, logo... eis isto" de D. Chicote).

Cúmulo do apego à vida: — matar-se de medo à morte.

Quanto mais conheço certos homens, mais amo os cães... capazes de mordê-los.

O amor é a alta política do coração. O flirt não passa de mera politicagem.

Cada qual se delicia com o cigarro que fuma e abomina a fumaça do que fuma o cavaleiro ao lado. Como nos são repugnantes vícios alheios!

Conhece-te a ti mesmo. Si o conseguires, profundamente, evita ficar a sós.

Duas mulheres riem? Que mal terá sucedido à mais íntima de suas amigas comuns?

Também os vícios possuem as suas virtudes: a hipocrisia, por exemplo, é uma mentira que tem muito boa educação.

O ciúme das mulheres lisonjeia os homens. É como certas coceiras que irritam, mas que dão prazer.

"Atacar a independência de pensamento, a liberdade dos espíritos, é não só ofender o que há de mais santo nos indivíduos, mas é ainda levantar mão roubadora contra o patrimônio sagrado da humanidade — o futuro. É secar as nascentes da fonte aonde as gerações futuras têm de beber. É cortar

Uma ordem pública de acôrdo com a consciência humana

(Palavras de S. S. Pio XII, em 2 de junho de 1944).

Ainda que na natureza das coisas, pode ser que o período de transição que medeia da terminação das hostilidades e a conclusão formal da paz, o conseguimento da estabilidade social normal, seja determinado em grande parte pelo poder do vencedor sobre o vencido, a habilidade da política de prudência e moderação jamais esquecida, deixa de dar ao que perdeu, a esperança, ou se o quisermos, a confiança de que se prepara e assinala juridicamente um lugar digno de seu povo, e de suas necessidades vitais. Desejamos, portanto, que povos e governos tenham em mente, ao menos como um ideal, as palavras ditas em elogio a Marco Claudio Marcelo por um dos mais famosos oradores da antiga Roma: "Dominar-se a si mesmo, controlar a ira, perdoar o vencido e levantar o inimigo caído; o homem que fizer isso, eu o igualarei ao maior dos homens, e o acharei igual a um deus". Esperamos que todos os nossos filhos e filhas espalhados pela face da terra, tenham a sua parte individual e coletiva nas responsabilidades de organizar e estabelecer uma ordem pública de acôrdo com as exigências fundamentais da consciência humana e cristã, estando sempre persuadidos que tenha-se uma norma infalível. Repelir tudo o que seja hostil a esse nome, paz, e promover o que esteja de acôrdo com ele. Desejo que a graça de Deus todo-poderoso possa fazer com que logo resplandesça sobre as colinas da Cidade Eterna e sobre o mundo inteiro, a harmonia e a paz.

a raiz da árvore a que os vindouros tinham de pedir sombra e sossego. É atrofiar as idéias e os sentimentos das cabeças e dos corações que têm de vir".

Anthero de Quental.

FOLHA ACADEMICA
 FLORIANÓPOLIS
 ORGÃO OFICIAL DO CENTRO
 ACADEMICO XI DE FEVEREIRO
 DIRETOR
 ANTONIO GOMES DE ALMEIDA
 REDATOR RESPONSÁVEL
 HAMILTON VALENTE FERREIRA
 SECRETÁRIO
 FRANCISCO CARLOS REGIS
 REDATORES
 ANATOLIO PINHEIRO GUMARÃES
 JOSÉ MEDEIROS VIEIRA
 ROBERTO MENDEL LACERDA
 REDAÇÃO
 RUA ESTEVES JÚNIOR, 11

Dois Poemas de Araujo Jorge

VERGONHA

Num Mundo em que há migalhas e espedícios,
pratos cheios de restos enfastiados
e bocas que salivam sem ter pão;

E em que há crianças tristes, maltrapilhas,
que não terão nem livros nem recreios
nem mesmo infância no seu coração;
Num mundo onde os enfermos são tratados
com a caridade ironica dos homens
que são donos dos próprios hospitais;
onde alguns já nasceram infelizes
e não de viver sem segurança e paz,
sem meios de lutar, abandonados,
e, outros, trazem do berço as regalias
que não de inutilizar, despreocupados;

Num mundo onde há mãos cheias, transbordantes,
e há, mendigando, pobres mãos vãs,
onde há mãos duras, asperas, cansadas,
e suaves mãos inúteis e macias;
onde uns têm casas grandes e jardins,
e outros, quartos estreitos, sem paisagem;

Num mundo onde os artistas prisioneiros
fazem roda nos mesmos quarteirões
sonhando sempre uma impossível viagem;

E há homens displicentes nos navios
carregando Kodaks distraídas
que têm mais alma que os seus olhos frios;

Num mundo onde os que podem não têm filhos
e os que têm filhos quasi sempre lutam
porque não podem constituir um lar;

Num mundo onde ao mais leve olhar humano
vê-se que não há nada em seu lugar,
e onde, no entanto fala-se em Direito,
em Justiça, em Razão, em Liberdade:

Num mundo onde os que plantam, pouco colhem
e os que colhem não sabem na verdade
de onde veem as colheitas que consomem;

Num mundo onde uns jejuam muitos dias
e outros, por vicio, muitas vezes comem...

SINTO A ANGUSTIA FATAL DE TER NASCIDO
E A SUPREMA VERGONHA DE SER HOMEM

O Teste do Manicônio...

José Medeiros Vieira

...Trabalho atualíssimo são essas 244 páginas de César Vilar, com que a "Atlântica" Editora vem de proporcionar ao público brasileiro uma leitura tão interessante quanto necessária.

Essas mesmas páginas constituíram, há certo tempo atrás, sensacionalíssima reportagem estampada na "Gazeta" de São Paulo — o grande vespertino bandeirante que Casper Libero dirigia com inexcusável proficiência e rara honestidade profissional.

César Vilar, em "Princípio e fim do nazismo", realiza a mais profunda e cabal exegese da paranóica ideologia hitlerista, desde seu estado embrionário até à completa cristalização e efetivação aos dias momentosos do "IIIº Reich".

Adolfo Hitler, — que Wells classifica como sendo a figura

mais ridícula de toda a História —, aí nos aparece em traços realísticamente íntimos...

Há até uma fotografia do Adolfo, então Adolfinho, quando criança ainda...

Embora nada encantador ("isso sem quaisquer preconceitos), não podemos negar que o filho daquele judeu imprevidente e de sua criada austríaca foi um robusto pimpolho... Mereceria, por justiça, o 1º lugar num concurso de robustez infantil em qualquer pósto de puericultura...

Mas, naquela fisionomia rechonchuda, mesmo sem o recurso da psicanálise, com facilidade podemos notar o estigma iniludível da tara cujas consequências monstruosas, apenas quase meio século mais tarde, o mundo sofreria...

A última página, há um epi-

ORGULHO

Quando todos começarmos do chão, como as sementes,
como as árvores fortes, como as árvores úteis,
e não houver parasitas dos ramos alheios;

Quando a terra pertencer aos homens, como aos rios
que a fecundam, sem fronteiras nem limites;
e tudo o que existir, e o que for encontrado,
a água pura, o petróleo, o ouro, o fruto agreste,
não tiver donos também, como as auroras e os crepúsculos,
como as estrelas e a noite, como as nuvens e o sol;

quando houver sempre tecto sobre tôdas as cabeças
resguardando-as da chuva, protegendo-as dos ventos,
como há sempre sobre nós o côncavo dos céus;
quando todos tiverem jardins, flores e passaros,
ou crianças barulhentas, sadias e tagarelas,
e tiverem, a horas certas, na mesa branca, o pão,
e a horas incertas, no leito, o remédio necessário;

quando o trabalho for leve e alegre como a musica
nas horas de prazer e despreocupação,
quando o trabalho for natural como a alegria
e em verdade for a alegria e a musica da vida;
quando a infancia tiver brinquedos e recreios

e a juventude, livros, sonhos e companheiros,
e os homes todos, os mesmos meios de conquista,
e já não existir medo do mundo nem da vida,
porque a vida e o mundo estarão ao nosso alcance;

quando a velhice não tiver mais receio do tempo
porque o tempo a levará em segurança ao fim;
quando não houver trabalhos dignos e indignos
e o sábio e o operário, o artista e o camponês,
seguirem, paralelamente, os seus caminhos,
sem nunca se encontrar, mas sem humilhações;

quando as gramáticas e as raças não separarem os homens
porque todos se entenderão sem raças nem gramáticas,
e verão que mais além das côres e dos idiomas
está o Homem, — e só por isso somos iguais e irmãos;

quando nossos filhos crescerem sem a angustia do futuro
e nós vivermos em paz, sem as injustiças do presente,
e já não houver vestígios do ódio perdido no passado;

quando todos os templos se erguerem sobre a terra
suas torres, minarétes, cruzeiros ou abobadas,
e sobre eles, mais alto, o céu se desdobrar
para que todos os olhos se encontrem e se compreendam;

quando todos começarmos do chão, como as sementes,
embora os galhos se elevem ás mais várias alturas
e façam sobre o solo as sombras mais diversas;
e todos forem donos dos seus próprios pés
e todos forem donos de suas próprias mãos
e do seu pensamento, e do seu coração;

quando enfim, nos tornarmos senhores de nós mesmos,
e não houver falsas leis servindo aos poderosos
e a justiça socorrer, na rua, aos homens todos;
quando chegar o momento em que a força seja inútil
porque todos seremos fortes e nada nos vencerá,
e não houver grudes nos olhos, e não houver ferros nos pulsos,
nem absurdas morais que nos deformem e domem:

— então sim, bendirei o instante em que nasci
e sentirei o orgulho imenso de ser homem!

sódio, que, embora sabendo a anedota, aconteceu realmente.

...Hitler encontra-se visitando um asilo de loucos nas cercanias de Berlim.

Seus colegas, isto é — os malucos, todos a um tempo, levantam o braço e grunhem a saudação costumeira.

Hitler comove-se (se é que monstros sentem emoções). E está para principiar uma arenga; na qual, certamente, dirá que se acha perante a fina flor do nazismo, as esperanças mais lídimas e ridentes do "IIIº

Reich", etc., quando percebe que alguém não levantara o braço... Interpela-o: — Você aí... Porque não faz como seus companheiros?...

— Ora, meu "Führer", não sou doido, sou enfermeiro...

"O homem é uma criatura animada pelo sópro divino, e todo aquele que tem a consciência de o possuir não se pôde submeter ao domínio arbitrário dos outros".

Rui Barbosa.